

A EXPRESSÃO SIMBÓLICA DO SAGRADO E O PROFANO NA OBRA *ELOGIO DA MADRASTA*, DE MARIO VARGAS LLOSA

Ana Suzane Martins do Nascimento
José Wanderson Lima Torres

I

Elogio da madraستا tem a assinatura de um dos maiores expoentes da literatura na atualidade, o prêmio Nobel Mario Vargas Llosa, e envereda-se na temática erótica, o que, em um primeiro momento, pode parecer estranho àqueles que tenham acompanhado seus escritos, em sua grande parte voltados para perspectiva política e a complexidade das realidades sociais. É uma obra dedicada ao amigo cineasta Luís G. Berlanga e inspirada em grandes nomes da literatura erótica, tais como Georges Bataille.

A novela de Llosa figura um triângulo amoroso entre os personagens Dom Rigoberto, Alfonso e Lucrécia que lhe rendeu muitos elogios por parte da crítica, por sua estreia na literatura erótica. Com certa dose de humor, e muita argúcia, *Elogio da madraستا* é surpreendente pela riqueza de detalhes e o entrecruzamento entre literatura, mitologia e artes plásticas. A narrativa envolve em sua rede de sutilezas o leitor, que aos poucos vai percebendo a degeneração da felicidade e harmonia de Dom Rigoberto e Lucrécia, no momento em que o menino Alfonso corrompe toda satisfação e sorte do casal.

II

Elogio da madrasta é uma obra do gênero novela, cuja trama se desenrola com a história de Dona Lucrecia, que, aos 40 anos, casa-se com Dom Rigoberto, um viúvo, pai de Alfonso, filho de sua primeira esposa. Lucrecia é descrita pelo narrador como mulher elegante e sensual, vivendo com Dom Rigoberto os prazeres da vida conjugal. O relacionamento de ambos é idílico, repleto de fantasias e sexo.

O enteado de D. Lucrecia, Alfonso, o *Alfonsito*, num primeiro instante, parecia a ela que seria um empecilho por causa da mãe falecida, Eloisa, a quem ele tanto amava. Mas o menino se mostrou encantado pela madrasta, tanto que seu amor de menino vai muito além do que se espera de uma criança.

Estão presentes na obra aspectos tais como: erotismo, profano, sagrado, sátira dos mitos e intertextualidade, num diálogo constante com a história, a mitologia e as obras clássicas das artes plásticas. A cada dois capítulos, uma pintura clássica aparece no texto. Figuras como *Candaules*, rei da Lídia, do pintor Jacob Jordaens, ao mostrar sua mulher ao primeiro-ministro Giges (1648), são introduzidas com muito requinte num dialogismo que prefigura o destino das personagens.

Existe um jogo psicológico entre as personagens, principalmente no que diz respeito a Alfonsito, que supõe certo paradoxo da inocência quando deixa a madrasta intrigada acerca de sua aparência, ora parecendo inocente, ora equivocado. D. Lucrecia julga o menino incapaz de abrigar pensamentos sujos em sua cabeça, visto que a ele são atribuídas características de um verdadeiro anjo. “Lucrecia achava impossível que a cabecinha rabicunda daquele primor que se vestia de pastorzinho nos natais do Colégio Santa Maria pudesse abrigar pensamentos sujos e escabrosos” (LLOSA, 2009, p. 43).

Outro fator a ser pensado é subversão do mito. Segundo Mircea Eliade (1992), a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares e dar significado aos ritos e atividades humanas, cuja concepção não é destituída das sociedades arcaicas e tradicionais. Assim, Llosa dialoga com certos mitos, ao comparar Lucrecia com deusas da mitologia grega e romana Diana e Vênus, já que a protagonista é, de certo modo, libertina, por manter um relacionamento extraconjugal com o próprio enteado. Alfonso figura outro exemplo desta temática, quando o narrador o descreve à semelhança do menino Jesus:

No cone amarelado que a lâmpada do abajur irradiava, por trás de um livro de Alexandre Dumas, apareceu, assustada, uma carinha de Menino Jesus. Os cachos despenteados de cabelo dourado, a boca entreaberta por causa da surpresa mostrando a dupla fileira de dentes branquíssimos, os grandes olhos azuis arregalados tentando resgatá-la das sombras da soleira (LLOSA, 2009, p.12).

Neste trecho fica claro o caráter ambíguo de Alfonsito, peça fundamental no desfecho da trama, quando por meio de uma redação da escola intitulada “Elogio da madrasta” revela ao pai, Dom Rigoberto, os momentos íntimos que teve com D. Lucrecia, sua madrasta, que acaba

expulsa de casa pelo marido. Dessacralizando a imagem inofensiva do menino, o autor revela a pseudoinocência de Alfonso, cuja paixão juvenil torna-se em verdadeiro desastre.

Elogio da madrastra representa, assim, uma obra erótica que aborda temas com altíssimo grau de complexidade, dissecando assuntos polêmicos que atuam na desconstrução de alguns tabus morais ligados à religião.

III

Para Rudolf Otto (2007), há uma evidência de nível superior a despeito da religião pelo fato de ela também possuir conceitos. O crítico considera que há um falso entendimento ao analisar que os atributos racionais possam esgotar a essência da divindade. Para o autor, há um contraste em suas características. Neste sentido, pode-se observar que existe uma forte disposição à racionalização na compreensão cotidiana e nos estudos acerca do sentimento religioso, o que em sua opinião é espantoso, visto que não há campo em que mais se manifeste a experiência humana do que no sagrado, essência das religiões. O conceito de sagrado está ligado ao campo da religião, o que não quer dizer que este não possua outras conotações.

Segundo Steiner (2003), o núcleo do religioso foi se desestruturando até se transformar em convenção social, o que acarretou um enorme vazio, que por assim dizer reaparece em outras formas de energias. A essas outras formas o autor propõe a palavra “mitologia” para representar uma imagem completa do homem no mundo. Neste sentido, o autor conjectura sobre como estas mitologias têm sido uma tentativa de preencher o vazio deixado pela Teologia e pelos dogmas cristãos. Assim, tais mitologias, além de estarem interligadas ao passado teológico, revelam o desejo de substituí-lo.

Ao tomar parte dos conceitos de Rudolf Otto (2007), Mircea Eliade (1992) propõe uma análise a partir das modalidades da experiência religiosa. O sagrado, segundo Eliade, manifesta-se sempre como uma realidade que difere das realidades naturais, posto que seu caráter é transcendental. O fenômeno do sagrado possui grande complexidade e pode ser visto tanto no aspecto irracional como no racional.

O sagrado, em sua totalidade, é definido pela oposição ao profano. O termo *hierofania* refere-se ao conteúdo etimológico do sagrado quando este se nos revela. Existem inúmeras manifestações do sagrado desde os primórdios, portanto, diversas *hierofanias*. É quando o sagrado se manifesta que um objeto qualquer se torna outra coisa, apesar de ainda fazer parte do meio cósmico que o envolve. O objeto em que sagrado se revela – amuleto, totem, ou qualquer outro que seja – tem sua realidade transmutada e passa a ser considerada sobrenatural.

Existe, nos dias atuais, certa tendência à dessacralização no homem moderno, que, segundo Eliade, assumiu uma existência quase totalmente profana, diferente do homem religioso das sociedades arcaicas, para quem cada ato cotidiano, do mais simples ao mais complexo, é mediado por ritos sagrados. A dualidade da experiência sagrado/profano constitui duas modalidades do ser no mundo, que definem as situações existenciais vividas pelo homem, segundo a atitude que este adota perante o Cosmos. Alimentação, trabalho e sexualidade etc. mudam de

significado conforme estejam inseridos na esfera do sagrado, como é comum nas sociedades ditas arcaicas, ou na esfera do profano, como ocorre para a maioria dos homens modernos. Para o crítico, ao afastar-se do divino, o homem busca suas próprias descobertas religiosas, culturais e econômicas, e descobre o sagrado nas experiências religiosas mais concretas, até mesmo carnavais e orgiásticas, ou mesmo o descobre fora da atividade religiosa, por exemplo, na experiência de torcer para um time de futebol ou na idolatria a um artista da cultura pop.

Eugene Webb (2012) considera que há uma tendência universal à secularização que põe muitas vezes a ideia de sagrado em declínio, uma vez que, a despeito dos estudos modernos, a figura de Deus é posta como fora de nosso alcance. Não são poucas as distorções e confusões acerca deste paradoxo; o sagrado deve também ser entendido não apenas como conceito intelectual, mas como própria experiência da vida.

O secular, isto é, o mundo da vida no tempo, pode ser vivenciado como sagrado ou como profano, e a secularização, embora de fato possa envolver a dessacralização, também pode envolver transformações nos conceitos de secular e de sagrado – transformações que, em alguns casos, talvez mais os aproximem do que os distanciem (WEBB, 2012, p. 16).

De acordo com o autor, o conceito de sagrado é indissociável da experiência, sendo em algum momento passível de pequenas distinções. O fenômeno do sagrado se faz presente nas mais diversas tradições religiosas e possui traços que não variam no processo de manifestação; experiências como o terror diante do sacro, aquilo que é incompreensível e gera certo fascínio diante da plenitude da vida são algumas dessas características. O modo como ele se manifesta é que possui grande diversidade, mas sempre em função de uma figura específica que, por assim dizer, também é parte do mundo profano.

Eliade (1992) afirma que, quando o sagrado se manifesta, qualquer objeto deixa de ser ele mesmo, para fazer parte do ambiente cósmico que o circunda. Neste sentido, a ruptura do espaço transmuda a realidade homogênea e o sagrado é tomado como revelação de uma realidade absoluta, envolvente, cujo valor é existencial. Para o pensador romeno, o sagrado funda ontologicamente o mundo e, sendo assim, o mundo, para o homem das culturas arcaicas, crê que as *hierofanias* dão sentido ao mundo. Por sua vez, o homem não religioso recusa a sacralidade do mundo, mesmo não sendo sua existência totalmente livre das pressuposições religiosas. Em alguma dimensão, o homem não religioso torna sagrado parte de seu universo privado.

Sperber (2011) diz do sagrado que é um conceito difícil, de compreensão escorregadia no que tange às sociedades contemporâneas, que apesar das inúmeras manifestações religiosas tendem à dessacralização. A autora aborda questões como o medo da morte e da vida diante da perplexidade que ambas apresentam, e o desejo de compreender estes fenômenos acusa a necessidade e o anseio pelo sagrado. É como pulsão de ficção que o sagrado se manifesta na literatura, até mesmo quando nega ou aparece como nostalgia do bom e do puro, tomando outros aspectos e outras formas, como acontece em *Elogio da madrasta*, em que Dom Rigoberto faz de sua esposa deusa e rainha, e das suas abluções um verdadeiro rito.

IV

A obra divide-se em doze capítulos e um epílogo e apresenta nos monólogos das personagens um processo de antecipação ao relacionar obras das artes plásticas com o texto literário. Cada pintura dialoga com o futuro das personagens na obra, alargando e complexificando as possibilidades hermenêuticas do texto escrito. Por meio dos monólogos é possível notar o jogo psicológico que envolve as personagens na dualidade entre sagrado e profano. Para desenvolvimento do presente texto foram escolhidos três dos seis quadros inseridos na obra: *Cabeça gritando*, de Francis Bacon, *Caminho para Mendieta*, de Szyszio e *Anunciação*, de Fran Angélico.

O primeiro dos quadros figura o lado negro do Surrealismo, e é caracterizado pela alteração pictórica e pelo estilo dúbio no plano intencional. A figura simbólica revela o caráter distorcido na composição.

A pintura dialoga com o monólogo que antecede o capítulo *Tuberoso e Sensual* da obra de Llosa e revela o caráter profano em oposição ao sagrado na personagem Dom Rigoberto, que antes de dormir sempre aprecia pinturas eróticas como um de seus passatempos favoritos. Para Mircea Eliade (1992), tais experiências reforçam as diferenças entre o espaço heterogêneo de que se ocupa o sagrado e o espaço homogêneo e neutro de que se ocupa o profano. Para tanto, mesmo que homem opte por uma vida não religiosa, assumindo unicamente uma existência profana, ainda assim, segundo o pensador, este não consegue se desvencilhar completamente do comportamento religioso.

Gosto de fornicar e, em certo sentido, diria que sou um voluptuoso. É verdade que frequentemente passo por fiascos ou sofro uma humilhante ejaculação precoce. Mas outras vezes tenho orgasmos prolongados e repetidos que dão a sensação de ser aéreo e radiante como o arcanjo Gabriel (LLOSA, 2009, p. 99).

Isto fica evidente neste trecho da obra, em que Dom Rigoberto evoca, por meio da pintura, suas excêntricas fantasias sexuais, ora revelando o caráter profano assumido em sua existência, ora recordando o sagrado mesmo como um delírio. Claude Riviére (1996) diz que, apesar do aparente declínio das religiões, o rito representa a respiração da sociedade e, com certeza, não desapareceu. Os ritos profanos, segundo o crítico, se renovam e ressurgem como outras formas de sacralidade fora da religião, das quais estão inseridos vários ritos em nosso cotidiano.

Sendo assim, o campo do sagrado vai além do campo religioso, e abrange também a experiência social. Para o autor, a religiosidade passa por certo deslocamento em razão do secularismo, que ao se distanciar da religiosidade tende a se agarrar as práticas das “religiões” seculares e políticas. “O banheiro era seu templo; a pia, o altar dos sacrifícios; ele era o sumo sacerdote e estava oficiando a missa que toda noite o purificava e o redimia da vida” (LLOSA, 2009, p.105).

O segundo quadro, *Caminho de mendieta*, do pintor peruano Fernando de Szyszio, tem como referência a arte abstrata contemporânea. O quadro antecede o capítulo *Labirinto de amor*, e nada mais é que um prelúdio da desgraça iminente resultante do triângulo amoroso entre pai, madrasta e enteado.

O monólogo narrado na pessoa de Lucrecia aponta a personagem como verdadeiro sacrifício, a própria vítima a ser imolada no altar, na pedra cerimonial. Segundo Bataille (2004), as mulheres têm o poder de provocar o desejo dos homens, uma vez que em sua atitude passiva suscita a cobiça e a união que os homens alcançam perseguindo-nas. Assim, ela torna-se objeto do desejo sexual do homem que a desnuda fazendo dela a vítima e conferindo-lhe o caráter ilimitado da esfera do sagrado.

De acordo com o pensador francês, o amante, ao tomar posse da mulher amada, não se distancia daquele que sacrifica violentamente um homem ou animal. Ao romper a barreira que antes os separava, esta se abre à violência do jogo sexual desencadeado pelos órgãos sexuais.

Tiraram a nossa epiderme e amoleceram nossos ossos, expuseram nossas víceras e cartilagens, trouxeram à luz tudo que, na missa ou representação amorosa que concelebramos, compareceu, creceu, sou e excretou. Deixara-nos sem segredos, meu amor. Esta sou eu, escravo e amo, a sua oferenda. Aberta em canal como uma rolinha pela faca do amor . fendida e pulsando, eu. Lenta masturbação, eu. Jorro de caramelo, eu. Labirinto e sensação, eu. Ovário mágico, sêmen, sangue e orvalho do amanhacer: eu (LLOSA, 2009, p.128).

O quadro ainda reaparece em outro capítulo do livro, *À mesa*, em que Fonchito reflete sobre a pintura abstrata exposta na sala da casa, dizendo ser um quadro de “sacanagem”. Ao explicar que a figura abstrata é o próprio retrato da madrasta, seria este um índice de seu caráter leviano: “É seu retrato secreto, ora!”. Ainda no final do capítulo *Labirinto de amor*, fica explícito o jogo que antecede o defecho da obra, unindo imaginação e realidade .

Agora você já sabe que antes ainda de nos conhecermos, de nos amarmos e de nos casarmos, alguém de pincel na mão, antecipou em que horrenda glória nos transformaria, todo dia e toda noite do futuro, a felicidade que soubemos inventar (LLOSA, 2009, p. 130).

O terceiro e último quadro é *Anunciação*, de Fran Angélico, uma das mais belas obras produzidas pelo pintor por volta 1440. É uma das pinturas mais tradicionais da arte religiosa em razão da simplicidade e humildade dos traços daquele que a compôs.

Por ser uma obra religiosa, o quadro alude à queda do império de fantasias de Dom Rigoberto. A pintura antecede o último capítulo, *O jovem rosado*, quando o mundo imaginário e erótico de Rigoberto torna-se obscuro, e este se dá conta de que tudo que sonhara acerca de Lucrecia não passara de fruto de sua fértil imaginação.

Ao descobrir o caso da esposa com seu filho, mediante a redação da escola intitulada *Elogio da madrasta*, agora tornara-se um ser solitário e casto, desprovido de seus apetites sexuais.

E subitamente, sua fantasia maltratada desejou com desespero, transmutar-se: era um ser solitário, casto, livre de apetites, a salvo de todos os demônios da carne e do sexo. Sim, sim, este era ele. O anacoreta, o santarrão, o monge, o anjo, o arcanjo que sopra o trompete celestial e desce ao jardim para levar a boa-nova às santas garotas (LLOSA, 2009, p.141).

V

Para concluir esta proposta de trabalho, é importante ressaltar o processo de manifestação do sagrado e do profano, como tais conceitos podem ser aplicados no âmbito da literatura, e dar ênfase ao processo de interdisciplinaridade como possibilidade de abordar e explorar outras áreas do conhecimento, partindo, é claro, do objeto literário ao delinear as inúmeras possibilidades que este oferece.

Como se pôde ver, as pinturas, na narrativa de *Elogio da madrasta*, antecipam conteúdos da narrativa de Llosa, ora reforçando conteúdos, ora estabelencendo um contrapondo eivado de simbolismo religioso ao caráter profano – ou ao menos ilusoriamente sagrado, puro – da relação vivida por Dom Rigoberto.

Ainda sobre Dom Rigoberto, podemos dizer, para concluir, que representa o drama do homem secular que, tendo abdicado do sagrado religioso, realoca as forças do sagrado no âmbito de atividades outras, como o sexo e os hábitos de higiene. Ou seja, o sagrado negado retorna a Rigoberto como força inconsciente, irrompendo no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.
- _____. *Teoria da Religião*. São Paulo: Ática, 2013.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANKL SPERBER, Suzi. *Presença do sagrado na literatura*. Questões teóricas e de hermenêutica. Campinas-SP: UNICAMP-IEL, 2011.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- RIVIÉRE, Claude. *Os Ritos Profanos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- STAINER, George. *Nostalgia do Absoluto*. Lisboa: Relógio D'água, 2003.
- VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo*. Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- _____. *Elogio da madrasta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- WEBB, Eugene. *A pomba escura*. *O Sagrado e o Secular na Literatura Moderna*. São Paulo: É Realizações, 2012

Ana Suzane Martins do Nascimento

Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

José Wanderson Lima Torres

Doutor em Estudos Literários pela UFRN, é professor do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.